

John Williams

Butcher's Crossing

Tradução de J. Teixeira de Aguiar



D. QUIXOTE

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

A carruagem de Ellsworth para Butcher's Crossing era um veículo adaptado para o transporte de passageiros e pequenas cargas. Quatro mulas puxavam a carroça pela acidentada estrada rugosa que descia ligeiramente da pradaria plana até Butcher's Crossing; quando as pequenas rodas da diligência entravam e saíam dos sulcos cavados por carruagens mais pesadas, a carga coberta de lona amarrada ao meio da carroça deslocava-se, as cortinas laterais de lona enroladas batiam contra os batentes de nogueira que sustentavam o tejadilho de ripas e lona, e o passageiro solitário que seguia na retaguarda da carruagem firmava-se comprimindo o corpo contra o estreito painel lateral; tinha uma mão espalmada no rijo assento forrado de pele e agarrava-se com a outra a um dos lisos pilares de nogueira enfiados em encaixes de ferro fixados nos painéis laterais. O cocheiro, separado do passageiro pela carga que fora empilhada quase até ao tejadilho, gritou por cima do resfolegar das mulas e do chiar da carruagem:

— Butcher's Crossing, já ali adiante.

O passageiro acenou afirmativamente e enfiou a cabeça e os ombros por cima do painel lateral da carruagem. Para lá das garupas suadas e das orelhas agitadas das mulas vislumbrou uns quantos barracões e tendas dispostos num aglomerado diante de um trecho de árvores de maior porte. Teve uma instantânea impressão de cor — de um castanho-claro a misturar-se com o cinzento que sobressaía contra o fundo de uma densa mancha de verde. A seguir o balanço da carruagem obrigou-o a sentar-se novamente direito. Fitou a instável montanha de mercadorias que tinha diante de si, pestanejando rapidamente. Era um homem de vinte e poucos anos, de compleição franzina e pele clara que começava a ficar avermelhada da exposição ao sol desse dia. Tirara

o chapéu a fim de enxugar o suor da testa e não voltara a pô-lo; o cabelo castanho-claro, da cor do tabaco *Virgínia*, estava esmeradamente cortado, mas caía agora em molhados anéis de coloração desencontrada sobre as orelhas e a testa. Vestia umas calças de nanquim castanho-amareladas quase novas, cujos vincos ainda eram levemente visíveis no grosso tecido. Tinha já despido o casaco castanho, o colete e a gravata; mas mesmo com a deslocação do ar provocada pelo lento avanço da carruagem, a camisa de linho branca estava manchada de suor e caía-lhe frouxa no corpo. A penugem loira de uma barba de dois dias brilhava com a humidade; de vez em quando esfregava o rosto com um lenço sujo, como se a barba por fazer lhe irritasse a pele.

À medida que se aproximavam da vila, a estrada tornava-se plana e a carruagem avançava com maior rapidez, oscilando levemente de um lado para outro, de forma que o jovem pôde aliviar a pressão com que se agarrava ao montante de madeira e deixar-se descair mais descontraidamente para diante no banco rijo. O toque-toque das patas das mulas tornou-se mais regular e abafado; à volta da carruagem ergueu-se uma nuvem de fumo amarelo, que se encapelou à sua retaguarda. Por cima do chocalhar dos arreios, da respiração ofegante das mulas, do toque-toque dos cascos e da chiadeira irregular da carruagem, ouvia-se de vez em quando o grito distante de uma voz humana e o rincho de um cavalo. Nas bermas da estrada apareciam trechos escalvados na longa planura de erva da pradaria; aqui e além distinguiam-se, carbonizados, os toros cruzados de uma fogueira abandonada; uns quantos cavalos presos pastavam na enfezada relva amarela, levantando bruscamente a cabeça, de orelhas fitas, ao ouvir o som da carruagem que passava. Ergueu-se uma voz, encolerizada; alguém riu; um cavalo resfolegou e relinchou e um freio chocalhou num movimento súbito; pairava no ar quente um leve odor a estrume.

Butcher's Crossing podia abarcar-se inteira quase num só relance. Um grupo de seis edifícios toscos era dividido por uma rua estreita de terra; de um e outro lado havia uma pequena porção de tendas para lá dos edifícios. A carruagem deixou primeiro à esquerda uma tenda de um castanho-claro militar precariamente montada, com as abas

laterais recolhidas, que tinha pendurada na borda do teto uma tábua plana onde se lia a vermelho, em letras toscas: JOE LONG, BARBEIRO. Do lado contrário da rua ficava um edifício baixo, quase quadrado, sem janelas, com uma aba de lona a servir de porta; nas despidas tábuas frontais desse edifício lia-se, escrito numa letra mais bem desenhada, a negro: TECIDOS BRADLEY. A carruagem parou defronte do edifício seguinte, uma alongada estrutura retangular de dois pisos. Do interior desse edifício vinha um contínuo murmúrio abafado de vozes e ouvia-se o tinir regular de vidro contra vidro. A fachada estava resguardada do sol por um comprido beiral, mas conseguia distinguir-se na sombra, por cima da entrada, um letreiro elaboradamente gravado, a letras pretas debruadas de vermelho, onde se lia: BAR JACKSON. Num comprido banco em frente do estabelecimento estavam vários homens sentados a olhar letargicamente para a carruagem que parava. O jovem passageiro começou a recolher do assento ao lado a roupa que despira antes, com o calor do dia. Pôs o chapéu e enfiou o colete e a gravata num saco de viagem que lhe tinha servido de descanso para os pés. Fez o saco transpor o painel lateral, poisando-o na rua, e com o mesmo movimento passou uma perna por cima das tábuas e assentou o pé na chapa de ferro suspensa que lhe permitia apear-se. Quando a sua bota pisou o solo, ergueu-se à volta do pé uma nuvem de poeira, que assentou no couro preto novo e na bainha da perna da calça, deixando a cor de uma e outra praticamente iguais. Pegou no saco e, a coberto do telheiro, dirigiu-se para a sombra; atrás dele as pragas do cocheiro misturavam-se com o tinir do ferro e o repique da corrente do aparelho ao desatrelar o balancim traseiro da carruagem. O cocheiro bradou lamentosamente:

— Não há aí ninguém que me dê uma ajuda a descarregar?

O jovem que se apeará da carruagem parou no passadiço tosco a ver o cocheiro a contas com as rédeas, que se tinham emaranhado no tirante do aparelho. Dois dos homens que estavam sentados no banco puseram-se de pé, passaram à beira dele e dirigiram-se vagarosamente para a rua; olharam para a corda que prendia a carga e começaram sem pressas a puxar pelos nós. Com um derradeiro sacão, o cocheiro conseguiu desenhencilhar as rédeas; atravessou a rua com as mulas numa longa

diagonal em direção à estrebaria, um atarracado edifício aberto, com um telhado de troncos cortados a machado sustido por estacas verticais de madeira por aparar.

Uma vez recolhida a parelha à estrebaria pelo cocheiro, desceu uma nova quietude sobre a rua. Os dois homens desatavam metodicamente as cordas que amarravam a carga coberta; os sons vindos do interior da taberna eram amortecidos como que por camadas de poeira e calor. O jovem avançou cautelosamente pelas irregulares tábuas de madeira de refugio diretamente assentes no solo. Diante dele estava uma espécie de casebre, de telhado muito inclinado, em cuja aresta mais próxima havia uma cobertura articulada, sustentada por duas vigas em diagonal, que se abatia para tapar a larga abertura frontal; dentro do casinhoto, em bancos e prateleiras, estavam espalhadas umas quantas selas e para cima de meia dúzia de pares de botas; viam-se compridas tiras de couro penduradas numa escápula que sobressaía da parede de torrões próxima da abertura. À esquerda desse casinhoto via-se uma estrutura de dois pisos, recentemente pintada de branco com guarnições vermelhas, quase tão comprida como o Bar Jackson e um pouco mais alta. Mesmo a meio do edifício havia uma porta larga, por cima da qual estava um letreiro meticulosamente emoldurado que dizia HOTEL BUTCHER'S. Era direito a ele que o jovem avançava lentamente, observando o pó da rua que os seus pés iam projetando para a frente em impulsos rápidos.

Entrou no hotel e deteve-se assim que transpôs a porta aberta, a fim de habituar os olhos à escuridão. Diante dele surgiu, do lado direito, a forma vaga de um balcão; atrás dele, imóvel, encontrava-se um homem de camisa branca. Via-se meia dúzia de cadeiras com assento de pele espalhadas pela sala. A luz vinha de janelas quadradas dispostas regularmente nas três paredes que conseguia ver; as janelas estavam cobertas por um tecido transparente que se enfunava ligeiramente para o interior, como se a escuridão e a relativa frescura fossem um vácuo. Cruzou o soalho de madeira em direção ao empregado que aguardava.

— Quería um quarto. — A sua voz ressoou, cava, no silêncio.

O empregado empurrou para diante o livro de registo aberto e passou-lhe uma pena com ponta de aço. Ele assinou devagar, William Andrews; a tinta era rala, de um azul desmaiado na folha cinzenta.

— Dois dólares — anunciou o empregado, aproximando mais de si o livro de registo e perscrutando o nome. — Mais vinte e cinco cêntimos se quiser que lhe levem água quente ao quarto. — Olhou subitamente para Andrews. — Vai ficar muito tempo?

— Não sei bem — respondeu Andrews. — Conhece um tal J. D. McDonald?

— McDonald? — o empregado fez um lento aceno de cabeça. — O homem das peles? Claro. Toda a gente conhece o McDonald. É seu amigo?

— Não propriamente — tornou Andrews. — Sabe onde posso encontrá-lo?

O empregado fez que sim com a cabeça.

— Tem um escritório para os lados dos poços de salga. Fica a uns dez minutos a pé.

— Vou ter com ele amanhã — declarou Andrews. — Cheguei de Ellsworth há uns minutos e estou cansado.

O empregado fechou o livro de registo, tirou uma chave de uma grande argola que trazia presa ao cinto e passou-a a Andrews.

— Terá de ser o senhor a levar a mala — disse. — Quando quiser, levo-lhe a água.

— Daqui a uma hora, mais ou menos — voltou Andrews.

— Quarto quinze — informou o empregado. — Fica logo ao cimo da escada.

Andrews acenou afirmativamente. A escada, muito íngreme, ficava junto à parede do fundo e era composta por degraus sem guardas laterais nem travessões, desembocando num pequeno patamar retangular no piso central do edifício. Andrews parou no início de um acanhado corredor que dividia ao meio a longa fiada de quartos. Localizou o quarto e entrou pela porta destrancada. No alojamento havia espaço apenas para uma estreita cama de corda com um colchão fino, uma mesa grosseiramente talhada com um candeeiro e um lavatório de folha, um espelho

e uma cadeira semelhante àquelas que vira em baixo, no átrio. O quarto possuía uma janela que dava para a rua e tinha encaixada na moldura uma leve estrutura de madeira amovível coberta por um tecido semelhante a gaze. Apercebeu-se de que não vira nenhuma janela de vidro desde que chegara à vila. Poisou o saco de viagem no colchão.

Depois de tirar os seus pertences, enfiou o saco debaixo da cama baixa e deitou-se no colchão irregular, que farfalhou e se afundou sob o seu peso; sentiu no corpo as cordas retesadas que suportavam o colchão. Os rins, as nádegas e as coxas latejavam-lhe surdamente; até aí não se apercebera de quão cansativa a viagem fora.

Agora, porém, a viagem chegara ao fim e, à medida que os músculos se lhe iam relaxando, recordou a maneira como ali chegara. Durante quase duas semanas, de carruagem e de comboio, fora transportado pelo país fora. De Boston a Albany, de Albany a Nova Iorque, de Nova Iorque... Misturavam-se-lhe na mente os nomes das cidades, desligados do percurso que seguira. Baltimore, Filadélfia, Cincinnati, St. Louis. Relembrou a dolorosa incomodidade das duras cadeiras da carruagem e a espera inerte em sujos entrepostos, sentado em bancos de madeira às ripas. Todas as incomodidades da viagem ressudavam naquele momento dos ossos, trazidas à consciência pela noção de que a jornada terminara.

Sabia que no dia seguinte teria o corpo dorido. Sorriu e fechou os olhos para os proteger da luminosidade da janela tapada para a qual estava voltado. Dormitou.

Passado algum tempo o empregado levou-lhe uma tina de madeira e um balde de água fumegante. Andrews levantou-se e deitou uma porção de água quente no lavatório de folha. Ensaboou o rosto e fez a barba; o empregado regressou com mais dois baldes de água fria e despejou-os na tina. Depois de ele sair, Andrews despiu-se devagar, sacudindo a poeira da roupa à medida que se ia desfazendo dela e arrumando-a cuidadosamente na cadeira. Enfiou-se na tina e sentou-se, com os joelhos fletidos. Ensaboou-se lentamente, com uma sonolência provocada pela água quente e pelo silêncio do fim da tarde. Deixou-se ficar na tina até a cabeça começar a descair-lhe para diante; quando finalmente esta tocou os joelhos, endireitou-se e saiu da tina. De pé no soalho, nu,

a escorrer água, olhou em redor do quarto. Não vendo nenhuma toalha, tirou a camisa da cadeira e limpou-se a ela.

A obscuridade fora invadindo vagarosamente o quarto; a janela era um clarão desmaiado nas trevas que se iam adensando e uma brisa fresca agitava e enfunava o tecido; dir-se-ia que palpitava como uma coisa viva, ora aumentando, ora diminuindo de tamanho. Da rua vinha um murmúrio de vozes que ia crescendo aos poucos de intensidade e sons de botas ao calcarem pesadamente o passadiço. A voz de uma mulher elevou-se numa risada, após o que se calou bruscamente.

O banho descontraíra-o e aliviara o crescente latejar dos tensos músculos das costas. Ainda nu, enrolou o cobertor de lã dobrado até lhe dar a forma de uma almofada e deitou-se no tosco colchão. Picava-lhe na pele, mas adormeceu antes de o quarto ficar totalmente às escuras.

De noite acordou várias vezes com sons que não chegou a identificar no torpor da sua mente adormecida. Durante esses períodos de vigília olhava em torno e na completa escuridão não conseguia perceber as paredes e os limites do quarto e acometeu-o a sensação de estar cego, suspenso no nada, imóvel. Tinha a impressão de que as risadas, as vozes, os baques e chiadeiras abafados, o tinir de chocalhos de freios e de correntes de arreios, tudo vinha da sua cabeça e andava à roda como vento numa esfera oca. A certa altura pareceu-lhe ouvir a voz e a seguir o riso de uma mulher muito próxima, ao fundo do corredor, num dos quartos. Ficou acordado durante algum tempo, escutando atentamente, mas não voltou a ouvi-la.

